

A OPINIÃO DE Selene Vicente, Marisa Filipe e Helena Moreira - Consulta de Neuropsicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Saúde mental – NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO

As doenças neurológicas envolvem alterações estruturais, bioquímicas e elétricas no sistema nervoso central e traduzem-se em dificuldades ao nível cognitivo (por exemplo, memória, linguagem e atenção), comportamental e emocional.



Ainda que afetem bilhões de pessoas em todo o mundo, estudos recentes realizados em colaboração com a Organização Mundial de Saúde (OMS) constatam que a sua incidência tem sido consideravelmente subestimada pelos métodos epidemiológicos e estatísticos tradicionais que se centram em rácios de mortalidade mas não de disfuncionalidade. Com efeito, estas são doenças que resultam em perturbações de longa duração, muitas vezes de início precoce, abrupto ou insidioso, limitando de forma significativa o funcionamento diário e as relações familiares, sociais e profissionais. O leque de doenças neurológicas é vasto envolvendo quadros como as alterações neurodesenvolvimentais (como as Perturbações do espectro do Autismo), demências degenerativas (por exemplo, a demência de Alzheimer), esclerose múltipla, lesões cerebrais adquiridas (como o acidente vascular cerebral e o traumatismo crânio-encefálico), neuroinfecções, doenças neurogenéticas (como a Doença de Huntington) entre outras. São doenças muitas vezes incapacitantes e constituem uma das maiores ameaças à saúde pública sendo consideradas atualmente pela OMS uma prioridade no âmbito geral da saúde mental.

O avanço do conhecimento nas neurociências e desenvolvimento humano tem contribuído para a compreensão da relação entre aspetos neurobiológicos e comportamentais em populações com desenvolvimento normal e atípico. Em idades precoces, alterações podem ocorrer de múltiplas formas, contribuindo para a formação de circuitos neurais disfuncionais, com importante impacto cognitivo e comportamental a curto, médio e longo prazo. As perturbações do neurodesenvolvimento apresentam na grande maioria dos casos um percurso crónico, dificultando a aprendizagem e implementação de processos essenciais para a integração da criança nos contextos pessoal, académico e social. Em particular, para além dos traumatismos crânio-encefálicos, epilepsias, tumores cerebrais e patologias cerebrovasculares, destacamos a prevalência crescente de crianças e jovens com perturbações do espectro do autismo, hiperatividade e défice de atenção, bem como as perturbações de aprendizagem.

Ao longo da idade adulta, várias condições psiquiátricas e neurológicas podem afetar o funcionamento físico e mental dos indivíduos. No entanto, em faixas etárias mais avançadas, as demências degenerativas destacam-se

como uma das principais causas de incapacidade. Caracterizam-se por uma perda neuronal progressiva e irreversível em regiões cerebrais específicas, com impacto na cognição e emoções, e limitando gradualmente uma vivência autónoma. A demência de Alzheimer é a mais prevalente, estimando-se um aumento exponencial do número de casos nas próximas décadas. Neste quadro, dificuldades iniciais na aquisição e retenção de novas informações e na resolução de problemas complexos são acompanhadas por alterações ao nível do humor tais como a diminuição do interesse na realização de atividades e o aumento da apatia. Demências causadas por outras patologias, tais como a demência vascular e a demência de Parkinson são também frequentes, assumindo-se, a par da demência de Alzheimer, como um dos maiores desafios atuais no estudo clínico do processo de envelhecimento patológico. Com a consciencialização desta realidade dramática surge o reconhecimento da escassez de serviços e de recursos, bem como de profissionais especializados e políticas/programas de saúde mental focados na avaliação e intervenção dos quadros neurológicos. Em Portugal o caminho a percorrer é ainda longo, sendo urgente criar respostas eficazes e acessíveis à população. A Consulta de Neuropsicologia, do Serviço de Psicologia da Saúde da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, tem vindo a desenvolver investigação no domínio, com o objetivo de explorar novos métodos e instrumentos de avaliação e reabilitação neuropsicológica. Considera-se também prioritária a aposta na divulgação de informação e sensibilização do público em geral para estas questões, bem como o combate ao estigma e à discriminação que lhe estão frequentemente associados. Muitos dos sintomas cognitivos, comportamentais e emocionais característicos destes quadros neurológicos beneficiam largamente de programas de reabilitação, sendo a deteção precoce um dos melhores indicadores no prognóstico da funcionalidade dos indivíduos em contextos de vida diária. Estas estratégias, devidamente suportadas por programas de financiamento governamental, constituem a melhor “arma” para promover a saúde e a qualidade de vida dos pacientes e, conseqüentemente, dos seus cuidadores. A mensagem que emerge é clara: sem intervenção imediata, o aumento expectável das doenças neurológicas nas próximas décadas transformar-se-á numa ameaça à saúde mental. 🇵🇹